

FILOSOFAR COM O MARTELO

18
aula

META

Apresentar a crítica nietzscheana à História da filosofia, bem como sua concepção de transvaloração de todos os valores.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:
descrever a noção do trágico em Nietzsche;
definir as bases para o projeto de transvaloração de todos os valores; e
analisar o projeto nietzscheano da vida como Grande estilo.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá revisar os assuntos abordados no módulo 1 e as aulas vistas até o momento.



Nietzsche, pintura, Edvar Munch 1906. (Fonte: <http://images.google.com.br>).

No ano de 1871, um jovem de 26 anos escreveu um livro chamado *O nascimento da tragédia* que, entre outras coisas, afirma que o projeto esperado do futuro foi realizado há mais de dois mil anos atrás. De fato, o que quer dizer Nietzsche com essa afirmação? Como podemos compreender a relação entre passado e futuro a partir de uma obra que foi tida pelo próprio autor como um texto cheio de valor juvenil e melancolia?

INTRODUÇÃO

Olhar o passado é, para Nietzsche, olhar para o futuro enquanto projetar-se. O homem como criador vive mais além e, por isso, afirma Nietzsche, os criadores são odiados, pois são os aniquiladores dos velhos valores. Neste sentido, no movimento de criação está, também, o de destruição. Mas, o que significa destruir? Para Nietzsche destruir significa edificar novos valores. Por essa razão os destruidores são edificadores, criadores, produtores, artistas de si mesmos.

Os gregos e somente eles souberam, segundo Nietzsche, realizar o mundo como um cenário e a vida como um jogo de dados, em que a desgraça e a dor foram convertidas em riso e força. Retornar ao passado não significa, necessariamente, melancolia e saudades de um tempo anterior, mas é contemplar o que somos. Nesta aula, caro aluno, veremos como a tragédia grega teve um papel decisivo na filosofia nietzscheana. Veremos, também, a crítica nietzscheana à cultura e, conseqüentemente, o sentido do seu projeto de transvaloração de todos os valores. Para tanto, dividiremos nossa aula em três pontos: 1) a noção do trágico: neste ponto buscaremos compreender em que medida a tragédia grega representa e influencia a concepção do trágico em Nietzsche; em um segundo momento, discutiremos como o espírito socrático e a racionalização do drama concretizado por Eurípedes, contribuíram decisivamente, segundo Nietzsche, para a decadência e morte do gênero da tragédia; 2) a transvaloração de todos os valores: neste ponto analisaremos a crítica nietzscheana ao pensamento cristão, bem

como, sua concepção da história da filosofia como uma história da moral; 3) Nietzsche e o grande estilo: analisaremos a idéia nietzscheana do homem como vontade de poder, bem como, procuraremos entender de que maneira o modelo da tragédia grega serve de paradigma para a concretização do projeto nietzscheano da vida como uma grande arte.



Édipo sendo interrogado pela Esfinge. Cena da *tragédia Édipo Rei de Sófocles*. (Fonte: <http://www.fflch.usp.br>).

A NOÇÃO DE TRÁGICO

Para analisar a noção de trágico em Nietzsche, partiremos de uma passagem retirada da sua obra, *O nascimento da tragédia*, em que narra o encontro do rei Midas e o sábio Sileno, diz

o texto: “ *estirpe miserável e efêmera, filho do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nasci-*

do, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”. (NT, 3, p. 36). Que sentido tem essa afirmação? O que quer transmitir Sileno? Compreender o sentido destas palavras é adentrar no espírito do trágico. Com isso, queremos dizer que neste pensamento residem duas fundamentais características do homem grego: *estar condenado* a vida já que seu único bem seria não existir e, *o morrer um dia*.

Esta constatação, ainda que trágica, é o que impulsiona o herói grego a realizar-se no tempo e na história através dos seus feitos e, conseqüentemente, transforma o lamento frente a morte em hino de louvor à vida. Há assim, uma inversão da sentença. Se por um lado o homem está condenado a *ser*, e o que é mais importante: ser transitório, lhe compete, portanto, a tarefa de transformar, ou melhor, de afirmar, divinizar o mundo e foi pensando deste modo que, segundo Nietzsche, os gregos criaram o Olimpo. Os deuses foram criados para justificarem, com sua beleza, a natureza trágica do mundo.

Segundo Nietzsche, a vontade helênica criou um espelho, os deuses, que apontava não para um mundo do além, mas para a própria vida, dito de outro modo, uma religião da vida. Arte e religião se identificavam e tornavam possível a existência intensificando as forças ativas da vida. Uma vida marcada pela busca da beleza que transfigura o real. O belo como um sorriso da natureza. Esta metáfora representava para Nietzsche uma superabundância de forças e de sentimento de prazer pela existência. A arte, por sua vez, é pensada como desenvolvimento e luta constante entre o espírito apolíneo e dionisíaco.

A MÁSCARA DE DIONÍSIO

Mas, quem é **Dionísio**? Nietzsche ao responder esta questão faz uso de uma analogia extremamente curiosa e que expressa de forma clara a natureza desse deus: *embriaguez*. Com Dionísio se rompe todas as rígidas e hostis delimitações existentes entre os homens. Possuídos por seu encantamento, os homens dançam e cantam.

É a plenitude de uma comunidade superior, diz Nietzsche no *Nascimento da tragédia I*: “*A bela aparência do mundo do sonho, em cuja produção cada ser humano é um artista consumado*” (*Origem da tragédia*, op.cit. p. 28). Um fato de fundamental importância para a compreensão da relação entre o espírito apolíneo e dionisíaco consiste na oposição entre o *principium individuationis* característico do pensamento apolíneo e o que chamamos, anteriormente, de comunidade superior. **Apolo** tem como fundamento o *individual*, a forma, o “*conhece-te a ti mesmo*”. Dionísio ao contrário de medida é desmedida (*hybris*); o completo esquecimento do indivíduo em uma experiência orgiástica.

No entanto, nesta mesma experiência dionisíaca reside um grande perigo: a destruição completa da ilusão e o estabelecimento de um pessimismo destrutivo. O desgosto proveniente do reconhecimento da sabedoria de Sileno. Temos, assim, algo de extrema significação para a compreensão do pensamento nietzscheano do trágico, ou seja: não é a experiência dionisíaca destruidora e aniquiladora que Nietzsche exalta, ou melhor, não é o bárbaro deus dionisíaco, o deus exaltado de Roma até a Babilônia. A experiência nietzscheana tem como característica uma reconcili-



Apolo, escultura de Leocarés- Apolo Belvedere-Museu do Vaticano. (<http://pt.wikipedia.org>).

Dionísio ou Baco

Deus grego caracterizado pelos rituais agrários, principalmente do vinho e pelas distintas formas que assumia como de touro ou de bode. Suas marcas eram a embriaguez e o êxtase.

Apolo

Deus grego que simbolizava, dentre outras coisas, a perfeição, a medida e a beleza.

ação entre Apolo e Dionísio. O olhar de Nietzsche se manifesta na junção entre a embreagem dionisíaca e o sonho de apolíneo. Os gregos, ao contrário dos bárbaros, transformaram o impulso destruído de Dionísio em um remédio (*Pharmakón*) eficaz para a vida. Já não temos a dilaceração do mundo, mas um jogo entre duas forças que se harmonizavam originando a arte trágica.

A tragédia, por tanto, pode ser definida como um jogo entre dois deuses ou seja, de um lado a negação dionisíaca a tudo o que é individual e, do outro, a afirmação apolínea em função de uma unidade originária. A arte trágica é antes de tudo equilíbrio e superação da oposição metafísica dos valores. Sendo assim, bem e mal, justo e injusto, ilusão e verdade, são pares de opostos pensados como constitutivos do prazer da existência. Contra uma visão negativa da vida, Nietzsche propõe o trágico como pessimismo dos fortes. Longe de negar a vida, aceita a

existência e a exalta em forma de canto no coro. Para nosso filósofo, se a vida é um constante vale de lágrimas, cabe a arte inverter, em função da alegria, o mundo e sua falta de finalidade. Essa inversão, essencial na arte, é a chave para seu postulado da arte como *grande estilo*. Trágico é, portanto, o pensamento que afirma a vida apesar do

caráter mutável dos fenômenos. A tragédia, para Nietzsche, contrário ao que pensava Aristóteles, não significava purgação, nem muito menos resignação, mas uma reflexão sobre o homem.

A tragédia aponta para a vida. O grego desejava, segundo Nietzsche, a verdade e a natureza em sua força máxima. Esta era a característica nítida da tragédia ática, ou seja, não existia nenhuma



(Fonte: <http://www.unipar.br>).

separação entre os espectadores e os “encantados servidores dionisíacos”. A arte salva a vida! Por essa razão é a arte atividade essencialmente metafísica do homem. Segundo Nietzsche, foi quando o homem quis sobrepor a ciência à arte que morreu a tragédia. Esta morte tem data e responsáveis: Eurípedes e Sócrates. Estes dois pensadores subjugarão o poeta ao pensador racional.

EURÍPEDES E SÓCRATES: INVERSÃO E MORTE DO TRÁGICO

Para Nietzsche, Eurípedes inverteu e dissimulou a tragédia ática. Sua *sofistificação* e toda sua “*mediocridade burguesa*” serviu para edificar suas expectativas políticas e rebaixar o trágico a uma representação festiva para a alma dos heróis cênicos. Nietzsche afirmava que **Eurípedes** ficava sentado no teatro e confessava não entender seus grandes predecessores. Quando ele falava não era Dionísio, diz Nietzsche, que se revelava, mas um demônio: Sócrates.

Embora Sófocles tenha sido, segundo Nietzsche, o primeiro a contribuir para a dissolução do trágico, Eurípedes combateu e venceu a tragédia esquiliana mediante uma inspiração socrática: “*tudo deve ser inteligível e belo*” ou “*só o sábio é virtuoso*”. Nessas sentenças temos explicitamente a trilogia socrática: virtude, sabedoria e felicidade que poderia ser traduzido na seguinte fórmula: só é belo o que é racional. Vemos assim, a subjugação do estético ao racional, da poesia ao conhecimento. Para Nietzsche o socratismo despreza o instinto e, portanto, a arte. Deste modo, torna-se bastante compreensível a crítica que Eurípedes faz a Esquilo. Para ele, Esquilo escrevia mal porque não sabia o que fazia, em outras palavras, Esquilo não possuía um verdadeiro conhecimento.

Ao estabelecer o *prólogo* na tragédia, Eurípedes, segundo Nietzsche, racionalizou o drama. O fato de que no início da cena, um indivíduo se apresentasse narrando todo o desfecho da trama demonstrava a completa traição efetuada por Eurípedes para com o trágico. Destruindo toda tensão épica e todo estilo característico



Eurípedes

Poeta trágico grego (485 a.C a 406). Autor de obras como: *Medeia*, *As bacantes* e *Electra*.

da tragédia, o saber trágico foi substituído pela Verdade! O herói foi morto não pelo trágico, mas pelo lógico.

Para Nietzsche, Sócrates não entendia a tragédia e, por isso, não a estimava justificando sua ausência em todas as representações, exceto, às representações de Eurípedes. Contra o impulso de Dionísio, Eurípedes propõe o conhecimento. Por essa razão, Nietzsche o critica justamente por acreditar que os instintos são mais fundamentais que o conhecimento. O conhecimento foi inventado, criado. O homem não deseja naturalmente conhecer. Neste sentido, definir o homem como aquele que deseja naturalmente o conhecimento é destruir o poder de criação.

Para nosso filósofo, isso se explica por uma única razão: o instinto de conhecimento tem como fundamento a moral. Sócrates é caracterizado, junto com Eurípedes, como um monstruoso *per defectum*; possuidor de um olho ciclópico, nunca se entusiasmou com a arte trágica, na verdade, a incluía entre as artes adadoras que representavam não o útil, mas o agradável.

Tão grande era o poder de Sócrates que, segundo Nietzsche, Platão, antes de se converter em seu discípulo, queimou todos os seus poemas e posteriormente criou uma nova forma de arte em que

a poesia se subordinava à filosofia: o diálogo platônico. No diálogo platônico vemos Sócrates figurar como o grande herói eurípideano, isto é, o herói virtuoso que opta pela razão contra as paixões. Contra essa visão lógico-racional do trágico, Nietzsche recorda-nos a força e poder do titã. Prometeu que, embora condenado ao eterno sofrimento



Estátua de Zeus - Fídias, Olímpia - Grécia 480 A.C.- Reprodução ilustrativa.
(Fonte: <http://www.vivercidades.org.br>).

mento, questiona incansavelmente o poder tirânico de Zeus. Neste drama exaltado por Nietzsche como um dos mais belos e representativos do pessimismo trágico, temos simbolizada, claramente, a relação entre a vontade humana que desafia a vontade do sobrehumano. Ao criticar a tragédia de Eurípedes, Nietzsche quer justamente chamar atenção para o isolamento apolíneo contra todo horror trágico, ou seja, em nome da racionalidade, que busca a todo custo firmar-se como o único meio de compreensão do real, o grego não percebia que matava sua maior criação. Se antes a tragédia tinha como finalidade produzir alegria e demonstrar a partir da relação entre destino e sofrimento que ao homem cabe-lhe o prazer e não a resignação ou o fingimento da dor, com o homem teórico, quem tem como base o pensamento socrático, a tragédia passou a ser pensada como um problema da verdade. Com isso, queremos dizer que a arte passou a ser pensada em nome de uma criação artística consciente condenada a um racionalismo e com finalidade de produzir conhecimento.

A TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

Uma das expressões mais intrigantes e fortes na filosofia do século XX é, sem dúvida, “*Deus morren!*”. Ao sentenciar a morte de Deus, Nietzsche colocou a pedra sobre a qual se ergueu a crítica mais radical ao cristianismo. O que significa tal afirmação? Uma possível resposta a esta questão passa, necessariamente, pela análise do conceito de Deus em três perspectivas: metafísica, moral e cristã. No nível metafísico, Deus morreu quando o espírito socrático venceu o espírito trágico. Para Nietzsche, onde há salvação não há tragédia. Nesta perspectiva, o projeto socrático-platônico de instauração de um pensamento pautado no Bem, ou melhor, pautado em um modo de perceber o mundo a partir da trilogia virtude, justiça e felicidade, estabeleceu uma farsa, isto é, eliminou o devir e todos os *elementos trágicos* do real em detrimento de *um mundo verdadeiro* concebido unicamente pelos sábios.

Ascetismo

Do grego *askesis* se refere a um estilo de vida marcada pela austeridade e negação dos prazeres mundanos ou corporais como condição para a tranquilidade da alma.

Zaratustra

Personagem protagonista de uma das obras mais importantes de Nietzsche: *Assim falou Zaratustra* (1885). Na realidade, Nietzsche se inspirou na imagem de um profeta persa de nome Zoroastro que vi-

Nihilismo

Do latim *nihil* (nada) significa a falta de sentido provocada pela ausência de valores e idéias. Nietzsche diferencia, basicamente, duas formas de nihilismo: reativo ou negativo e ativo ou forte. O primeiro nega a vida enquanto que o segundo afirma a sua forma trágica.

Pensemos um pouco na relação entre perda dos *elementos trágicos* e implantação de um *mundo verdadeiro*. Segundo nosso filósofo, quando o mundo, o conhecimento e a vida passaram a ser regidos pela idéia de um Bem superior e racional, estabeleceu-se uma separação entre *a realidade* e a *aparência*. Dito de um modo mais preciso, o real passou a ser compreendido como o racional. Uma razão que se solidificou a partir da dissolução entre as forças antagônicas que regiam a natureza: a tragédia morreu! Temos a partir de então um mundo regido por uma *moral* em que o Bem determina todo agir. O mundo concreto passou a ser pensado a partir de um mundo transcendente morada eterna de um Deus que é o bem supremo.

Para Nietzsche, o platonismo propiciou as bases para o estabelecimento do cristianismo como religião oficial ou como ele mesmo define: *platonismo para o povo*. Platonismo no sentido de que desmerece o *mundo sensível* em detrimento de um *mundo inteligível*. Mas, o que isto tem haver como a morte de Deus? Para Nietzsche, o conceito de Deus cristão, que é uma apropriação do ideal platônico de um bem transcendente, é um Deus contrário a natureza e, por isso mesmo, contrário à vida. É importante observar que a crítica de Nietzsche está direcionada contra o cristianismo enquanto religião universalista concretizado em igrejas e não contra a figura de Jesus de Nazaré. Para Nietzsche, Cristo é uma nova maneira de existir totalmente contrária a hierarquia judaica e à idéia de uma instituição. O reino de Deus é o reino da interioridade. Jesus enquanto portador da “boa nova” é completamente avesso ao espírito universalista do cristianismo enquanto religião. O cristianismo é compreendido por Nietzsche como um “mal-entendido” ou um “*dysangelium*”, isto é, uma inversão do espírito livre de Cristo. *Deus morreu* na medida em que a religião substituiu todas as forças positivas da natureza por uma imagem decadente do homem marcada pelo castigo, culpa e por uma teologia imaginária.

O projeto de *transvaloração* parte do princípio de que a história da filosofia está impregnada de preconceitos morais, sendo, portanto, necessário uma superação de todo delírio idealista em

prol da vida na sua mais pura manifestação fenomênica. Por isso, sua filosofia é definida como “filosofia do martelo” ou “martelar”.

Martelar é desfazer toda moral e religião que durante séculos impregnou o pensamento ocidental de valores que negam a vida e o poder criador do homem. A destruição da tradição anterior significa abrir novos caminhos para um novo homem e para um novo tipo de saber. Para Nietzsche, a vida se identifica com o que ele chama de “vontade de poder”, isto é, com um “querer-ser-mais-forte”. Por isso sua admiração para com os gregos, em particular, Heráclito de Éfeso, que pensou a vida como uma luta constante entre forças opostas. Contra todo **ascetismo** que tem como fundamento uma vontade de “aniquilamento”, ou seja, o estabelecimento de valores negativos, Nietzsche propõe o “super-homem”, isto é, aquele capaz de ir além de si mesmo enquanto modelo de decadência.

Quebrai, quebrai as antigas tábuas! Gritava **Zaratustra** exortando o homem a ir além da idiossincrasia dos decadentes. Por isso, segundo Nietzsche, a moral cristã é uma barreira contra as forças ascendentes da vida. É a moral

do rebanho que se opõe ao forte e independente. Para nosso filósofo, o cristianismo suplantou todos os *valores aristocráticos* do mundo antigo e iniciou a *sublevação dos escravos*.

A vitória de Paulo de Tarso contra a Grécia é a expressão mais clara do **niilismo** reativo, que tem na negação da vida sua condição de triunfo. Neste aspecto, não é a existência da dor o problema central do homem, mas a ausência de sentido.



Jesus Cristo (Fonte: <http://www.paulolima.net>).

Transvalorar significa, portanto, liberação do sonho dogmático, isto é, a compreensão da vida como *vontade de poder*. Vida é realidade fenomenal, ou seja, não possui um princípio transcendente e, por essa razão, implica na construção de um *grande estilo*.

NIETZSCHE E O GRANDE ESTILO

Para Nietzsche a arte é sinônimo de *vontade de poder*. A arte é um contra-movimento frente ao niilismo. Mas, o que significa vontade de poder? É importante observar que arte para Nietzsche não se reduz a uma questão de gosto e gozo. A arte é *decisão*. Um pensar que tem como finalidade algo mais que o puro gosto estético, posto que, em última instância, é um pensar metafísico, a rigor isso significa: pensar a arte como determinação do ser. Através da arte o homem busca “querer-ser-mais”, isto é, se autoafirma mediante o poder criador e transformador da vida. Para que compreendamos o que estamos chamando de “grande estilo” é preciso entender três conceitos: distinção, lógica e beleza. O grande estilo é, por natureza, a beleza na sua plenitude. Beleza entendida como o *mais digno de ser admirado*. A arte é assim o jubileu da vontade em oposição à aniquilação proporcionado pelo instinto das ciências.

A mais alta dignidade humana residiria, para Nietzsche, em sermos imagens e projeções artísticas e, neste sentido, admiradores das coisas grandes, dito de outro modo, reinventar o mundo. Nietzsche postula a substituição da velha noção latina de arte pela imagem grega da *physis*. O homem é “brotar” é uma representação que nasce a cada momento e como tal deve pôr novas “tábuas” de valores que tenham como finalidade não a negação da vida ou o sofrimento, mas a *inocência do devir sem finalidade*. Para Nietzsche, assim como queremos reviver uma obra de arte, devemos querer modelar nossa vida, de modo que, sempre tenhamos o desejo de querer-la outra vez. Criar um ser superior, antipessimista, no sentido de afirmação e, ao mesmo tempo, superação de todo pessimismo. Poderíamos dizer, por-

tanto, que saímos de uma estética e adentramos em uma metafísica da vontade de poder. O grande estilo dilui, assim, a distinção entre teoria e prática dado que é um pensamento criador. A arte é o que possibilita a vida ao superar a vontade de negação e ao transformar o sofrimento em êxtase.



Paulo de Tarso (Fonte: <http://laionmonteiro.files.wordpress.com>).

Caro aluno, a partir do que foi visto podemos dizer que, para Nietzsche, a arte transfigura o real. A tragédia como modelo de uma arte forte, arte essencial, longe de todo Romantismo e Classicismo históricos. Por isso, a escolha pelos gregos como inspiração, pois eles souberam conceber o mundo como arte. Como um jogo de forças e expressão de uma visão estética do real. A arte como glorificação em que o espantoso ou absurdo resultam sublime. Por fim, acreditamos que a análise nietzscheana funda um novo ciclo no pensamento Ocidental, em que a alegria sobrepõe a dor e a arte toda pretensão de aniquilamento.

CONCLUSÃO

RESUMO



Nietzsche, como crítico da tradição filosófica Ocidental, postula um novo modo de conceber o conhecimento, baseando-se na experiência grega da arte, particularmente, na tragédia. A arte como revelação das forças pulsantes da natureza em que o bem e o mal, o justo e o injusto, o belo e o feio, são princípios que compõem a totalidade enquanto harmonia e guerra. Um novo modo de pensar que postula a transvaloração de todos os valores e a sedimentação de um pensamento superior a toda codificação moral e ascética, que de um modo ou de outro, negam a vida em detrimento de um “além mundo”. O mundo como realidade fenomênica é o ponto de partida para o postulado nietzscheano da arte como criação e afirmação da existência na sua forma mais absurda e abissal.



ATIVIDADES

1. O que significa transvalorar?
2. Qual o papel do cristianismo para o niilismo Ocidental?
3. Que papel desempenha a arte no pensamento nietzscheano?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se que transvalorar é quebrar valores antigos e estabelecer novas regras e novos princípios capazes de afirmar a vida na sua totalidade, neste sentido, o cristianismo e a arte têm papéis distintos dentro do pensamento nietzscheano, ou seja, um nega a vida em função de um mundo do “além” e a outra a afirma em sua plenitude fenomênica.

PRÓXIMA AULA



Na aula 19, veremos as principais características da filosofia do século XX.

REFERÊNCIAS

- BRUM, J. T. **O pessimismo e suas vontades. Schopenhauer e Nietzsche.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- COLLI, G. **Introducción a Nietzsche.** Trad. Romeo Medina. Valencia: Pre-textos, 2000.
- GIACOIA, O. J. **Labirintos da alma. Nietzsche e a auto-supressão da moral.** Unicamp: Editora da Unicamp, 1997.
- MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **O nascimento do trágico. De Schiller a Nietzsche.** São Paulo: Zahar, 2006.